



Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Biblioteca Central Zila Mamede
Nº 01 outubro 1994

Os livros de Zila

Edson Nery da Fonseca

Há um poema de Jorge de Lima em que ele interroga, de modo pungente, qual o destino que teriam os seus livros mais queridos, as canetas e lápis com que escrevia, os retratos de parentes e amigos, seus objetos pessoais. "Neste meu simples quarto de estudo/penso muitas vezes onde ides habitar depois de mim/livros do meu agrado, /retratos familiares ou amigos, canetas e lápis/com que escrevo", assim começa esse poema longo, do qual eu me lembrava sempre que estava examinando bibliotecas particulares depois adquiridas pela Universidade de Brasília, como as de Homero Pires, Agrippino Grieco, Carlos Lacerda, várias outras.

Escrevi recentemente, a propósito do triste destino da Biblioteca do general Golberri do Couto e Silva, que nada me entristece mais do que ver, arrematados por antiquários sibundos livros reunidos ao longo de toda uma vida. Reunidos com amor e, às vezes, com sacrifício. Lidos e anotados com interesse. Alguns até marcados com cartas pessoais dos autores ao praticante desse vício impune que é a leitura, segundo Valéry Larbaud. Ou mesmo depositários de uma lembrança amorosa: uma pétala de rosa, um fio de cabelo. Jorge de Lima fala "nas flores murchas entre as páginas dos livros/ou nalguma lágrima embebida nas

letras/nos traços que sublinharam as frases mais amadas".

Pelo menos as bibliotecas adquiridas ou recebidas por instituições educativas e culturais escapam ao destino inglório dessa diáspora sem terra prometida. Reunidos novamente, os livros se sentirão felizes em serem utilizados por outros pesquisadores. Continuarão cumprindo sua finalidade e perpetuando a sua maioria de quem primeiro os leu e colecionou. A chamada estética da recepção valorizou as bibliotecas dos escritores como importantes instrumentos da hermenêutica literária. Catálogos de bibliotecas aparecem, agora, entre as fontes para o estudo desse ou daquele autor. Foi o que fez, por exemplo, meu querido e saudoso amigo Francisco de Assis Barbosa, acrescentando ao Diário Íntimo de Lima Barreto o catálogo de sua biblioteca. E o pesquisador francês Jean Michel Massa, publicando o catálogo da biblioteca de Machado de Assis.



Jamais esquecerei das visitas que fiz, em bibliotecas universitárias dos Estados Unidos, às coleções de livros e manuscritos de grandes escritores. Os de Francis Thompson e Thomas Merton no Boston College. Os de Amy Lowell e Emily Dickinson em Harvard. Na Boughton Library está até o piano de Emily Dickinson. Lembro-me dessas visitas ao saber, por Gildete Moura de Figueirêdo, que a Universidade Federal do Rio Grande do Norte vai reunir, em sua Biblioteca Central, as obras literárias que pertenceram a Zila Mamede. Muitas dessas obras têm autógrafos dos autores, pois Zila era amiga tanto de seus companheiros de geração quanto dos mais velhos, como Manuel Bandeira e Luis da Câmara Cascudo.

Sugiro que esses livros de Zila Mamede sejam o núcleo inicial de uma Sala de Poesia, semelhante às Poetry Rooms das universidades norte-americanas. Elas reúnem livros e

gravações de poesia, tanto quanto biografias, interpretações, retratos e manuscritos de grandes poetas. Sempre sonhei com tais redutos de pura criatividade poética em universidades brasileiras, mas fui vencido pelo pragmatismo das especializações à outrance. A Universidade Federal do Rio Grande do Norte seria a primeira a criar uma sala de Poesia. Estaria sendo fiel a missão de formar homens cultos, de acordo com aquela definição que Gustavo Capanema transmitiu a Carlos Castello Branco e eu jamais me cansarei de citar. "Um homem culto é alguém que tem sempre Goethe ao alcance da mão - um homem culto não dorme sem ler Shakespeare".

Carlos Drummond de Andrade fala, num de seus poemas, de um album de fotografias "alto de muitos metros e velho de infinitos minutos". Um verme roeu "as páginas, as dedicatórias e mesmo a poeira dos retratos". "Só não roeu" - diz o poeta - "o imortal soluço de vida que rebentava/que rebentava daquelas páginas". Quem não ouve o "imortal soluço de vida" que rebenta destes livros de Zila Mamede? Reunidos agora na Biblioteca Central por ela idealizada para sua universidade, esses livros estão felizes porque não foram disputados nos antiquários por colecionadores de autógrafos. Ninguém se iluda quanto a isto: os livros têm alma. Pouco importa que os técnicos os definam como "conjunto de cadernos costurados e protegidos por capa rígida ou flexível", ou que os teóricos da comunicação os encarem como "veículos tornados obsoletos pelos audiovisuais". Nestes livros sobrevive a memória de Zila Mamede.



Paulo Bernardo F. Var



Zila Mamede: poética e trabalho.

Imaginação e Desejo

Um livro é para ser amado. Um livro é para ser lido. Relido. Tocado. Almejado. Um livro é para ser livre. Jamais aprisionado. Voar das estantes para mãos de pássaros raros: seus leitores. Um livro é uma religião. É o que se funde conosco, é o que nos arranca e nos devolve a nós mesmos. A biblioteca é o lugar desta celebração. Destes encontros e reencontros. Uma biblioteca é um lugar de exílios, rupturas e elos. Precisa de zelo, sabedoria, paciência e paixão.

Criada em 1959, como Serviço Central de Bibliotecas, reunindo, organizando e divulgando informações necessárias às atividades de ensino, pesquisa, extensão e administrativas, desde 1985 passou a denominar-se Biblioteca Central Zila Mamede, numa homenagem à sua idealizadora e organizadora. Poeta e bibliotecária, entranhada de Ciência e Poesia, Zila Mamede, de uma tradição de coragem, sonhou com uma biblioteca na UFRN. Apesar de ásperas e difíceis lutas, foi guiada por uma imensa vontade. Eis-nos aqui, nestes quase cinco mil metros quadrados ocupados por livros, revistas, documentos. Um templo inevitável. Um lugar de liberdade. Um canto para se ouvir. Um canto para se ficar. Um **BiblioCanto** para desvendar, revelar e reafirmar: "O homem é imaginação e desejo", sem isso nada interessa. Zila, ungida de poética e trabalho, sempre há de nos ensinar e deitar seus raios sobre nós. Nós que ainda temos medo, fome e sede.

Marize Castro

Livro: seu saber e seu sabor

João Batista de Moraes Neto

"Tudo existe para acabar em livro!" Foi o que disse Mallarmé, aquele simbolista francês, autor de um poema revolucionário, intitulado "Um lance de dados", compreendido como um marco da nova poesia, a que se fez do final do século passado até agora. Essa tese literária é defendida por uma boa parte dos amantes do livro. Se partirmos para organizar um inventário de notas elaboradas com base em depoimentos de vários escritores, críticos e poetas famosos, talvez cheguemos a contribuir com o ideal borgiano: uma biblioteca de Babel. Mas, sem tanta pretensão, podemos simplesmente lembrarmos de uma posição sua que acredita na extinção da humanidade e não dos livros, que irão perdurar "iluminados, solitários, infinitos, perfeitamente imóveis, incorruptíveis e secretos. Não é à toa que o escritor argentino foi homenageado por um outro escritor, italiano, o medievalista Umberto Eco, em seu **best-seller** pós-moderno "O Nome da Rosa", na figura de um insólito personagem: o velho, cego, Jorge de Burgos. É assim, portanto, a maneira de a literatura resistir na contemporaneidade da cultura de massa.

Sendo, então, um objeto de resistência, como fica a situação do livro na idade da cultura do efêmero? Essa é a indagação. Pois, em meio aos torpedos primorosos oferecidos pelos Meios de Comunicação de Massa, esse pro-



O escritor argentino Jorge Luis Borges: um amante dos livros

blema torna-se delicado e, por isso, merece a atenção dos estudiosos da informação, assim como dos profissionais da Educação. Porque, além da tão discutida 'crise da leitura', existe também a questão da qualidade do material produzido, ou seja, o texto literário.

Pesquisadores apontam a falácia dessa crise, enquanto o mercado editorial produz enxurradas de títulos os mais diversos em todas as áreas do conhecimento. Entre elas, a literatura. Vale dizer que não seria lugar comum, lembrar que o nosso país detém um alto índice de analfabetismo. Conseqüentemente, pedagogos engajados não vislumbram a solução dessa crise, senão com a democratização da sociedade, em todos os níveis.

Em recente Feira Internacional do Livro de Frankfurt (1994), o seu organizador Peter Weidhaas, deu um empolgante depoimento. "Costuma-se apelar para esse argumento (ameaça do livro), mas a

indústria do livro é fundamental para toda a economia. Um país deve poder transmitir suas experiências, desenvolver suas tradições, estabelecer um sistema de ensino e formar novas gerações produtivas. Analfabetismo é algo que se deve combater, não é uma imposição de Deus. E alfabetização só se consegue com livro. A experiência da Índia mostra que outros meios, os audiovisuais, só podem servir de complemento." A citação, um tanto longa, não pretende ser definitiva e nem encerrar a discussão. Não se arvora a nenhum argumento de autoridade, mas serve como exemplo para estimular a reflexão, na medida em que coincide ou corrobora com outros depoimentos de escritores ilustres, como também de pesquisadores educacionais.

Quando se fala em "Cyberespaço" e "realidade virtual", novidades com sabores fantásticos e emocionantes, é que percebemos a necessidade constante da reflexão sobre a importância do livro para a nossa sociedade, por tê-lo como um elemento propiciador de um saber com sabor. E este é preciso senti-lo em seu contato, em sua convivência, em sua inevitável resistência.

Analfabetismo é algo que se deve combater, não é uma imposição de Deus

Balcão de Informação: rapidez e eficiência para o usuário da BCZM

A comunidade universitária e, por extensão, a sociedade norte-rio-grandense, ao dispor do Balcão de Informação, através do Sistema de Informação Automatizado, da Biblioteca Central "Zila Mamede", da UFRN, encontra-se numa situação de vanguarda em relação a todas as bibliotecas universitárias do Nordeste, embora só gradativamente este fato venha ultrapassando os muros da Universidade.

A facilitação do acesso ao inestimável acervo de livros, periódicos e coleções documentais da Biblioteca Central "Zila Mamede" (BCZM), desde outubro do ano passado, que permitiu ao usuário consultar a base de dados do Sistema de Bibliotecas da UFRN, ao mesmo tempo em que conhece a sua situação enquanto usuário, através do serviço de microcomputador, apresenta como principais vantagens a rapidez e o conforto para quem necessite de qualquer informação nas áreas do conhecimento.

Atualmente, dos seis Centros que compõem a comunidade acadêmica, são poucos os departamentos e coordenações de cursos que ainda não estão conectados, por terminais de computador, ao Sistema de Informação Automatizado (SIABI). Contam-se em 70 os terminais já ligados ao Sistema Integrado Universitário (SAU). No caso do Centro de Ciências da Saúde (CCS), o usuário dispõe, desde 1989, de acesso *on line* à base de dados Lilac's (BIREME) - Literatura Latino-Americana do Caribe em Ciências da Saúde, permitindo que sua Biblioteca Setorial trabalhe em rede com a BCZM. Em breve, o mesmo ocorrerá com os outros Centros, de acordo com a diretora da BCZM e presidente da Comissão de Automação, Rejane Lordão Monteiro.

"Não se compreende mais biblioteca sem informatização"

"Com o Balcão de Informação, a informatização oferece ao usuário da BCZM rapidez e eficiência, a modernização das bibliotecas do mundo inteiro. Não se compreende mais biblioteca sem informatização", diz Rejane Lordão. "Em 86 demos os primeiros passos e, em 89, já se ofereciam as listagens informatizadas. Nosso acervo, que se inicia em 1959 possui hoje 122.554 volumes, e gradualmente estará todo disponível. Hoje trabalhamos com o Balcão de Informação, com as listagens informatizadas e com o catálogo de fichas. E para o usuário, nada mais fácil 'conversar' com o sistema. A tela é autoexplicativa e, num primeiro contato, o aluno, o professor, o funcionário, nosso usuário potencial, acessa sua matrícula e sua senha, sabendo de imediato sua situação na BCZM e liberando o empréstimo. Com isto, não estamos afastando o usuário, mas oferecendo rapidez e conforto. Se quer consultar algum livro ou saber sua situação, de onde ele estiver, faz essa consulta".



Rejane Lordão Monteiro, diretora da BCZM

"Não estamos afastando o usuário, mas oferecendo rapidez e conforto."

Em 1993 a BCZM adquiriu o Sistema de Código de Barra e Caneta Óptica para controle de circulação do material bibliográfico. Para este ano, projeta-se o ingresso na Rede Nacional de Pesquisa, possibilitando o acesso à base de dados nacionais e internacionais. Com o mesmo software SIRIUS-Sistema de Cadastramento e Recuperação da Informação, que atende a todas as rotinas de uma biblioteca, doado pelo INPE/São José dos Campos (SP), a BCZM irá trabalhar tanto com as bibliotecas estaduais, como a Câmara Cascudo, como com a base de dados do Sebrae, ampliando o serviço a partir do usuário potencial - aluno, professor, funcionário - para toda a comunidade norte-riograndense que terá acesso à consulta local.

A BCZM também irá trabalhar com as bibliotecas estaduais

"Nosso usuário, ao acessar o sistema, pode confiar na qualidade do serviço, que foi uma das nossas preocupações" diz Gildete Moura, vice-diretora da BCZM. Para 95, com aquisição de mais um microcomputador e CD-Rom, com um modem poderemos acessar o CNEM, CINEM, Embrapa, Sebrae, todos esses órgãos. No futuro próximo, possuindo um microcomputador e um modem em casa, através de sua inscrição e sua senha, que ele mesmo pode alterar, nosso usuário terá acesso direto ao sistema. Quando o equipamento A-9, da UNISYS, estiver funcionando, qualquer desses usuários terá acesso à nossa base de dados. Nos Centros, hoje, eles podem colocar o equipamento nos halls, nas salas de professores. Mas cada Centro até agora colocou nas salas de coordenação de cursos, de onde podem acessar as cinco opções do Balcão de Informações, não precisando vir à BCZM", explica Gildete.

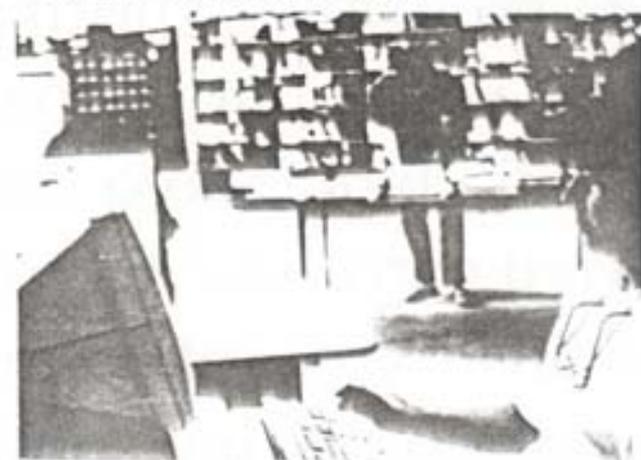
Foto: Eduardo Felipe



Com o Balcão de Informação...



... a Biblioteca Central Zila Mamede...



...coloca-se numa situação vanguarda em relação às bibliotecas do Nordeste.

Traga um novo sócio para a
ABNT que ela fica assim:

ABNT

A JOSÉ OLYMPIO

Carlos Drummond de Andrade

Que coisa é o livro? Que contém na sua frágil arquitetura transparente?

São palavras, apenas, ou é a nua exposição de uma alma confidente?

De que lenho brotou? Que nobre instinto da prensa fez surgir essa obra de arte que vive junto a nós, sente o que eu sinto e vai clareando o mundo em toda parte?

Meu caro José Olympio, sê louvado pelos livros que o tempo vai guardando, nascidos de teu sonho no passado,

pois cada livro ao tempo irá lembrando o que a vida de um homem pode ser quando ele sabe amar e compreender.